

Leitura expandida: caminhos para a promoção global da língua portuguesa

Expanded reading: pathways to the global promotion of the portuguese language

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n84p43-55>

FRANCIS MÁRCIO ALVES MANZONI¹

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA²

RESUMO: Este artigo visa tecer reflexões acerca de procedimentos viáveis para uma melhor integração entre aqueles que têm, de forma direta ou indireta, conhecimento e interesse em consolidar, divulgar e/ou aprofundar a circulação de materiais didáticos pedagógicos, literários, audiovisuais, fonográficos e conteúdos digitais pelas localidades em que a língua portuguesa é reconhecida como língua materna, é adotada como língua oficial ou é mantida por interesses comunitários ou individuais. Para tanto, toma-se, como ponto de partida, procedimentos de leitura, contato, talvez primeiro, mas seguro, com material estável e de fácil circulação, proporcionado por textos impressos na modalidade escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa; promoção; divulgação; leitura.

ABSTRACT: This article aims to reflect on viable procedures for a better integration between those who have, directly or indirectly, knowledge and interest in consolidating, disseminating and/or deepening the circulation of pedagogical, literary, audiovisual, phonographic, and digital content teaching materials in places where the Portuguese language it is recognized as a mother language, is adopted as an official language, or is maintained by community or individual interests. To do

1. Sesc São Paulo/CBL.

2. PUC-SP.

so, the starting point is reading procedures, contact, perhaps first, but safe, with stable and easily circulated material, provided by printed texts in the written modality.

KEYWORDS: Portuguese language; promotion; divulgation. reading.

INTRODUÇÃO

Várias são as ações implementadas, nos países de língua oficial portuguesa, para a divulgação e promoção desse idioma, seja por iniciativas oficiais ou não. A Câmara Brasileira do Livro (CBL), com sede na cidade de São Paulo, mantém e sedia, desde 2015, a Comissão para a Promoção de Conteúdo em Língua Portuguesa (CPCLP), entidade que divulga a produção editorial brasileira, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), por meio da realização de ações culturais e educacionais compartilhadas com instituições públicas, privadas e acadêmicas. Atualmente, está sob a coordenação do editor nas Edições Sesc, Francis Manzoni, que pondera:

Nos últimos seis anos, aprendemos que a formação de parcerias culturais e a interlocução permanente com pessoas e entidades da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) constituem a essência e a finalidade do nosso trabalho. (2020, *apud* MRE – Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português / – Brasília: FUNAG, 2021, p. 73)

Dentre as diversas iniciativas da CPCLP, está a organização anual do Seminário *A Língua Portuguesa na Educação, na Literatura e na Comunicação*, que objetiva “fomentar a circulação de bens culturais constituídos pelo idioma português e iniciar um debate interdisciplinar para a compreensão de aspectos históricos, linguísticos e culturais dos povos falantes da língua” (MRE, 2021, p. 74). Além do seminário, a CPCLP realiza, com regularidade, debates na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), na Bienal do Livro de São Paulo e nas comemorações do Dia Mundial da Língua Portuguesa. Esses empreendimentos, com base em Zétola (2019, p. 39), se desdobram em três eixos: o multilateral, com articulações internacionais; o bilateral, por meio de trocas de experiências com investidores na divulgação da língua portuguesa; e o unilateral, mediante a valorização de iniciativas isoladas como o ensino do português e a produção literárias nesse idioma.

Este artigo visa tecer reflexões acerca de procedimentos viáveis para uma melhor integração entre aqueles que têm, de forma direta ou indireta, conhecimento

e interesse em consolidar, divulgar e/ou aprofundar a circulação de materiais didáticos pedagógicos, literários, audiovisuais, fonográficos e conteúdos digitais pelas localidades em que a língua portuguesa é reconhecida como língua materna, é adotada como língua oficial ou é mantida por interesses comunitários ou individuais. Para tanto, toma-se, como ponto de partida, procedimentos de leitura, contato, talvez primeiro, mas seguro, com material estável e de fácil circulação, proporcionado por textos impressos na modalidade escrita. Além disso, procura-se a inclusão de ações não formais de incentivo à leitura e a abordagem de formas alternativas de promoção da língua portuguesa.

LÍNGUA PORTUGUESA: MOBILIZAÇÕES

A organização de encontros com autores de língua portuguesa na CPLP é um dos pilares da promoção do idioma. Dos grandes festivais literários aos encontros virtuais, toda ação se orienta pelos mesmos objetivos:

1. Colocar em evidência o autor e sua produção literária;
2. Criar aproximações com diferentes públicos e atrair novos leitores;
3. Garantir interesse e investimento editorial para futuras publicações;
4. Obter espaço de mídia, crítica literária favorável e participação em eventos.

Mesmo com o impulso dos grandes prêmios literários e o marketing das editoras, a circulação da produção literária em língua portuguesa encontra obstáculos na maior parte da CPLP, a começar pelo número reduzido de livrarias nos países africanos e também no maior país de língua portuguesa.

Na relação Brasil-Portugal, mesmo com a vigência do novo acordo ortográfico desde 2006, ainda há estranhamento dos lusitanos com relação à “língua brasileira”, contudo o cenário está mudando com o aumento do número de editoras deste país operando em Portugal. A publicação de autores lusófonos no Brasil ainda é modesta, com exceção de alguns nomes consagrados que contam com estruturas de divulgação e distribuição de grandes editoras.

A exportação de livros entre os países de língua portuguesa não é uma realidade consolidada, devido às desvantagens das taxas alfandegárias e de outras limitações, porém a venda de direitos autorais para edição e publicação em editoras locais e a operação de editoras brasileiras no exterior têm sido alternativas à falta de estímulos

fiscais para o livre comércio de livros na CPLP. Diante desse cenário, a Comissão para Promoção de Conteúdo em Língua Portuguesa procura divulgar autores lusófonos em eventos literários, somando, assim, esforços com entidades públicas e privadas que trabalham pela promoção global do idioma.

Já passaram pela CPCLP os escritores brasileiros Silviano Santiago, Maria Valéria Rezende, Conceição Evaristo, Rafael Gallo, Tiago Ferro, Cristino Wapichana; os moçambicanos Ungulani Ba Ka Khosa, Pedro Pereira Lopes, Dani Wambire e Mbaté Pedro; os angolanos Ondjaki e Djaimilia Pereira de Almeida; além dos portugueses Nuno Camarneiro e Pedro Cunha.

As diferenças nos níveis de escolaridade, o pertencimento a outros blocos geopolíticos e a pluralidade linguística dos países de língua oficial portuguesa, nos termos da CPLP, limitam a concepção de uma comunidade plena. Todavia, a noção de lusofonias no plural, proposta pelo escritor moçambicano, Mia Couto, representa um caminho promissor para a construção de uma nova política da língua. O autor sugere a convivência da lusofonia com dezenas de outras línguas de Moçambique que também querem existir:

Mia Couto defende assim a necessidade de “encontrar outras maneiras de termos uma entidade partilhada que não passe exclusivamente pela língua”. Porque, se assim for, esta gente sente-se marginalizada. E não pode aderir a um projeto que as coloca numa situação marginal³

Nessa perspectiva, ganha relevo a ideia de um espaço global da lusofonia que não se limita às fronteiras da CPLP, tampouco se obriga a ser hegemônico dentro delas. Um ambiente que tenha em vista as comunidades que vivem na diáspora, o português como língua de herança e a convivência com outras línguas nos países de língua oficial portuguesa.

Cerca de 4,2 milhões de brasileiros vivem no exterior⁴, com maior concentração nos EUA e na Europa; mais de 2,6 milhões de portugueses vivem emigrados⁵, a

3. Mia Couto nas conversas “Camões dá o que falar”. *Jornal de Letras Artes e Ideias*, n. 1237, Ano, XXXVII, Lisboa, 28 de fevereiro a 13 de março de 2018. Disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/images/pdf_encarte/encartejl253.pdf.

4. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>.

5. Nações Unidas estimam em mais de 2,6 milhões o número de portugueses emigrados. Observador, Lisboa, 05 de novembro de 2019. Disponível em: <https://observador.pt/2019/11/05/>

maior parte na Europa e no continente americano; e esse número tende a crescer, com a conseqüente demanda por escolas bilíngües, materiais didáticos pedagógicos, além da procura por conteúdo audiovisual, fonográfico, digital e outros formatos.

Diante desse cenário, pondera-se que ações pela promoção global da língua portuguesa poderiam ser direcionadas para as comunidades de lusófonos espalhadas pelo mundo. Considerando somente o Brasil, há o desafio de reverter o decréscimo nos índices de leitura e do analfabetismo funcional. A aposta em materiais didáticos pedagógicos de qualidade, a disponibilidade de bibliotecas públicas atualizadas e a mediação de leitura são indispensáveis nesse processo.

Os debates realizados pela CPCLP viabilizam encontros entre intelectuais, professores, autores, produtores culturais e autoridades diplomáticas, no sentido de valorizar as ações de incentivo à leitura já existentes nas comunidades de língua portuguesa. O reconhecimento dessas iniciativas e a criação de espaços de visibilidade para seus agentes permitem a articulação entre diferentes projetos e a colaboração entre seus responsáveis. O propósito é criar um fórum permanente entre colaboradores da língua portuguesa, dispostos a desenvolver ações em parceria.

A reabertura do Museu da Língua Portuguesa, em agosto de 2021, devolveu ao mundo uma plataforma bastante relevante de conhecimento, estímulo à leitura e à aprendizagem do idioma. A ele somam-se esforços na tentativa de sensibilização pública do valor da língua que falamos, oferecendo acesso aos conteúdos sobre educação e literatura no canal do *Centro de Pesquisa e Formação do Sesc* no YouTube, e também por meio de parcerias com as secretarias da educação do estado e do município de São Paulo para participação de professores e estudantes.

A maioria das ações implementadas se fazem mediante material impresso como recurso primeiro e essencial na promoção global da língua portuguesa, em especial nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e em Timor-Leste, o que leva à necessidade de se refletir sobre a promoção do livro e da leitura, por meio de ações multidisciplinares que complementam processos de ensino e aprendizagem.

A mediação de leitura para crianças e seus familiares é uma estratégia importante nesse sentido. Essa prática é desenvolvida em entidades públicas e privadas, a exemplo do Serviço Social do Comércio (Sesc), no Brasil, que conta com 360 bibliotecas em escolas, centros culturais e unidades móveis espalhados pelo país, mas ainda assim, insuficientes para dar conta do imenso território nacional. Em

nacoes-unidas-estimam-em-mais-de-26-milhoes-os-portugueses-emigrados/.

Angola, Cabo Verde e Moçambique encontram-se projetos de incentivo à leitura em bibliotecas comunitárias, festivais literários e ações governamentais, contudo são experiências isoladas e, por vezes, descontínuas. Na ausência de políticas públicas sólidas e investimentos, há pelo menos um consenso sobre a necessidade de mediadores que incentivem, principalmente, a leitura.

LEITURA: FORMAÇÃO

A leitura é considerada, por inúmeros estudiosos, o conteúdo prioritário a ser desenvolvido na escola, na família e nas comunidades em geral, principalmente naquelas em que há grande carência na formação educacional, o que é evidente nos países de língua oficial portuguesa. Portugal, Brasil, países africanos e Timor-Leste têm alta taxa de analfabetismo e, os que já passaram algum tempo na escola, são analfabetos funcionais, ou seja, reconhecem marcações gráficas da língua mas não desenvolveram fluência para ler e escrever com autonomia.

Na maioria desses países, a oferta de material didático, de biblioteca para consulta e de equipamentos para pesquisa é muito baixa ou quase nenhuma, sem contar que a maioria nem fala a língua portuguesa nos países africanos e no Timor-Leste. A título de esclarecimento, na região de Luanda, em Angola, a língua corrente é o quimbundo; em Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, o crioulo; em Moçambique, o bantu; em Timor-Leste, o tétum. Da CPLP, os únicos países que consideram a língua portuguesa como língua materna são Portugal e Brasil, os demais a consideram, especificamente, “oficial”, ou seja, a língua institucional e de tradução dos dialetos.

Nos últimos anos, houve uma crescente relutância em falar e escrever em português nos PALOP e no seio das comunidades lusodescendentes. Há um empenho nacionalista de afirmação das línguas nacionais dos povos africanos e o desejo de implementação de práticas bilíngues. Esse movimento se acentua pelas dificuldades e pela lentidão do ensino de leitura e de escrita, pela falta, especialmente, de materiais de leitura apropriados aos interesses e níveis de língua dos alunos. É preciso desenvolver o gosto pela leitura, criando hábitos e perspectivando essa atividade como fonte de conhecimento e de prazer.

Para tanto, a oferta de materiais e equipamentos didático-pedagógicos para o ensino e divulgação da língua portuguesa, principalmente nos PALOP, em Timor-Leste e nas comunidades de fala portuguesa emigrantes, a leitura da linguagem

verbal escrita parece ser de maior praticidade por ser a de mais fácil circulação, mediante livros, revistas, jornais, volantes, anúncios. Pois o acesso à Internet ou a outros recursos eletrônicos é muito baixo ou nenhum.

Mesmo assim, há falta desse material de leitura com circulação adequada para o ensino. O despreparo dos professores para um bom aproveitamento, principalmente nas classes menos favorecidas, agrava ainda mais a situação. São grandes os desafios para ensinar a ler criticamente, fica-se num domínio raso. Um futuro incerto é projetado para o sucesso educacional ou de desenvolvimento social, sobretudo, se houver descuido com o ensino da leitura. A falta de hábito e o domínio deficiente da leitura trazem grandes prejuízos culturais.

O caminho para ajudar os alunos a superarem dificuldades de leitura deve partir de textos de fácil inteligibilidade, implicada, previamente, na legibilidade. Esta diz respeito à possibilidade de interação do leitor com o texto, primeiramente pela acessibilidade aos signos linguísticos, em seguida, pelo alcance à informação, pois, muitas vezes há identificação de unidades sígnicas, mas não faz sentido o conjunto, por falta, talvez, de conhecimento prévio sobre o assunto.

Em seguida, vem a interpretabilidade, estágio em que o leitor organiza unidades significativas de leitura, com grau de complexidade maior do que na etapa anterior. A legibilidade é o esteio para a interpretabilidade. Se não houver um ingresso confiante do leitor na tessitura linguística do texto, a leitura fica fragmentada, lacônica, interrompida, o que dificulta a organização de sequências mais complexas.

Por fim, a compreensibilidade, fase em que o leitor, apoiado no nível de legibilidade e no grau de complexidade das unidades de leitura organizadas, elabora, para o texto, uma base semântica de sentido, com um valor conceitual. É o momento em que o leitor se assenhora do texto que passa a valer, para ele, pelo conceito elaborado e não, propriamente, pela mensagem codificada. Quanto maior a maturidade do leitor, maior é seu distanciamento e mais profundo o seu posicionamento crítico.

LEITURA: ENSINO

O intento é formar leitores vitalícios, com a preocupação básica de manter uma continuidade crescente de consumo de material, principalmente literário, de divulgação da língua portuguesa, e ir, com apetrechos mais específicos, sanando as dificuldades advindas do analfabetismo funcional. A iniciativa pode e deve, ao

longo, se estender à incorporação de outras disciplinas que também têm por aparato livros didáticos com textos escritos, como Geografia, História e Ciências.

As atividades educativas iniciais podem se restringir a operações lúdicas que des-
contraem e incentivam a interação, mediante a permanência nela e a recorrência a ela. O importante são os elementos mediadores que, segundo Vygotsky (1984), são de dois tipos: os instrumentos e os signos. O termo mediação supõe um processo de intervenção de um elemento de intermediação que se encontra interposto, no caso, entre o sujeito e o seu objeto de interesse ou entre um sujeito e outro por uma causa comum.

Os instrumentos se estabelecem pela mediação entre sujeito e objeto ou entre sujeito e sujeito e sua função é gerar transformações nos objetos ou nos sujeitos e reger processos decorrentes de ações concretas.

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. (VYGOTSKY, 1984, p. 40).

Em complementação, recorre-se à perspectiva construtivista de Piaget (*apud* FARIA, 1988), por considerar que o processo de desenvolvimento do conhecimento efetua-se por assimilação e acomodação. O início do conhecimento vem pela ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na e pela interação. As trocas estabelecidas entre o sujeito e seu objeto de interesse se dá, inicialmente, por estímulos e sensações.

Os signos, sinais significativos de representação de algo, fazem parte da capacidade humana (de outros animais também, de forma mais rudimentar) de construir configurações mentais, conceituais, que substituam os objetos do mundo real, não sendo eles, mas valendo por eles, mesmo em ausência. O processo de internalização na constituição e na utilização dos signos está, preliminarmente, relacionado ao recurso de repetição, pela reprodução da fala do outro ou pela recorrência de uso ou de constatação.

Para ampliar o entendimento do desenvolvimento humano, pelo processo de interação, Vygotsky (1984) compreende dois níveis: de desenvolvimento real e de desenvolvimento potencial. O primeiro compreende o conjunto de atividade que o sujeito consegue resolver sozinho, indicativo de ciclos já passados e com desenvolvimento completo. O segundo, sinaliza um desenvolvimento prospectivo, futuro,

e é o conjunto de atividades que o sujeito não consegue realizar sozinho mas que, com a ajuda orientadora de alguém, consegue resolver.

A intermediação entre os níveis de desenvolvimento real e de desenvolvimento potencial é feita pela Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): *A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário* (VYGOTSKY. 1984, p. 97).

No contexto pedagógico, a leitura, juntamente com a ação orientadora do professor, é uma ferramenta que faz essa mediação, no espaço intersubjetivo na ZDP. O professor propõe atividades e as gerencia, enquanto o aluno as realiza, movidos, ambos, pela motivação de ensinar-aprender-aprimorar o uso do português, por meio da leitura.

As tarefas de leitura constituem ações que o aprendente realiza na aprendizagem como um todo, não só na área das linguagens, como também nas outras áreas que têm, por base de ensino, o texto. No geral, para um aproveitamento seguro, por parte do aluno e do professor, as ações devem ser propostas e realizadas paulatinamente, para o entendimento da tessitura textual de conceitos. É o desenvolvimento de habilidades para a formação de competências. A leitura tem de ser ensinada de modo natural, ou seja, a apreensão da modalidade escrita deve seguir a mesma orientação espontânea e segura da aprendizagem da modalidade oral.

LEITURA: PROCEDIMENTOS

Para efetivar o trabalho de ensino e aprendizagem da leitura no espaço de uma ZDP, é preciso investir em modelos que desenvolvem, de forma gradativa, ações das mais simples às mais complexas e sofisticadas no processo. A adoção de modelos adequados é primordial para que o aprendente consiga estabelecer unidades de leitura e construir significados para elas. No procedimento crescente, o ponto de partida, em geral, é o trabalho com a identificação do vocabulário, reforçando o já conhecido e explorando as possibilidades de identificação dos desconhecidos.

A etapa seguinte recai sobre a exploração das manifestações e articulações gramaticais, retomando e explorando as estruturas encontradas. A relação vocabular e as retomadas gramaticais garantem a unidade textual, estabelecida pelo princípio da coesão. Associada a essa, vem a fase de trabalho com o conteúdo funcional do texto que aciona a produção de efeitos de sentido e a compreensão da base

semântica do texto. Uma estratégia facilitadora é abordar assuntos variados da cultura brasileira tais como: músicas, lendas, informações jornalísticas e históricas.

O processo, assim constituído, pode ser consolidado teoricamente com a concepção de ciclos de leitura de Goodman (1988). A preocupação desse autor recai sobre a interação entre a leitura e os processos utilizados pelo cérebro do leitor no procedimento de ler, que se inicia pelo processamento gráfico-visual e se expande para o linguístico-cognitivo, por sua configuração sintático-semântica.

O ensino cíclico se consolida por meio de processamentos cerebrais de reconhecimento de informação, de interação entre linguagem e pensamento, de seleção de elementos e de habilidade de antecipar conteúdo. O cérebro é o órgão processador das informações e, por isso, procura maximizar as requeridas e, assim, minimizar esforço e energia para adquiri-las. Ele decide, também, diante da informação disponível, qual tarefa deve ser executada e quais estratégias devem ser empregadas. Isso ocorre por intermédio de cinco processos que são empregados pelos leitores durante a leitura:

1. Processo de reconhecimento do texto, em que o cérebro, por meio da exploração gráfico-visual, reconhece, pelo código escrito, uma manifestação informativa e inicia a identificação da mensagem codificada.
2. Processo de predição, em que o cérebro, mediante antecipações, faz predições pela ordem e significância do fator sensorial; vai identificando e ordenando as unidades significativas, anteriores e posteriores.
3. Processo de confirmação, em que o cérebro, relacionando as sequências anteriores e posteriores, estabelecidas a partir das antecipações e das predições, estabelece critérios de verificação para monitorar os vínculos.
4. Processo de correção, em que o cérebro, pelas verificações realizadas, supervisiona os significados antecipados por predição, e, caso necessário, reprocessa-os quando encontra inconsistências e os ajusta.
5. Processo de finalização, em que o cérebro dá por terminada a atividade de leitura, por compreender que a tarefa de ler está completa ou por não considerá-la produtiva, ou pouco significativa, ou de pouco interesse ou inapropriada para o propósito estabelecido.

Esses processos permitem diferentes estágios de leitura que exploram tanto as informações explícitas quanto as implícitas, além das informações não linguísticas

relacionadas à complementação textual, manifestadas por diferentes modos semióticos. O amadurecimento do leitor se faz por sua capacidade de ler para lá da explicitação informativa dada pelo código verbal.

CONCLUSÃO

Pelo processamento visto, pode-se considerar, grosso modo, a concepção de leitura como decodificação, o primeiro estágio com estímulos produzidos por sensações visuais. O processo é iniciado pela visualização de letra por letra, procedimento primário, orientado pelo recurso linear do código verbal, que, articuladas entre si, passam a corresponder a palavras inscritas na categoria de frases com significados mais amplos. Na representação gráfica, além da identificação ortográfica, ocorre a construção de unidades significativas de diferentes graus de complexidade.

Embora a identificação seja com base no código verbal linear, pode-se afirmar que a leitura não é sequencial, uma vez que é um processo induzido pelas expectativas que o leitor tem sobre a mensagem contida no texto, por meio, principalmente, dos processos de predição e de confirmação. Esse procedimento leva o leitor a apreender com facilidade as ideias gerais e principais do texto.

A busca por confirmação das predições aguça o processo visual do leitor que passa a perceber o código verbal para além de um registro tipográfico do texto. Passa a observar a fonte e o tipo de letras, os destaques, a paragrafação, a diagramação. Quanto mais se aprofunda, maiores são as possibilidades significativas que surgem, aumentadas se o texto vem ilustrado por figuras, cores, formatações inusitadas.

Essa é a configuração multimodal do texto, ou seja, os diversos modos semióticos que o compõem e que extrapolam em significações a dimensão da linguagem verbal. Tem-se a linguagem multimodal, mesclagem do verbal com o não verbal, resultando em textos multissemióticos, presentes no dia a dia do leitor, por intermédio de peças publicitárias, histórias em quadrinhos, cartoons. Para Kress e Van Leeuwen (2006), todo texto tem uma conformação multimodal e, também, está em uma tal configuração.

Se os recursos visuais estão investidos de significação, nessa concepção, a imagem é um texto imagético. Assim, quando ao texto verbal são acrescentados gráficos e tabelas, considera-se o texto verbo-imagético, pela integração da linguagem verbal e da imagem. No ambiente digital, a frequência desse tipo de texto é maior, complementado por movimentos, por som, por links, que também são modos semióticos.

O texto ganha uma nova forma de leitura, multimodal, pelo reconhecimento de todos os modos que o compõem, ou seja, da multimodalidade textual. A leitura de um texto assim configurado é uma atividade dinâmica que leva o leitor a considerar, analisar e interagir com os modos representados. O trabalho com textos multimodais nas aulas de leitura é imprescindível uma vez que envolvem materiais didáticos pedagógicos, literários, audiovisuais, fonográficos e conteúdos digitais.

REFERÊNCIAS

- FARACO, Carlos. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.
- FARIA, Anália. *Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- GOODMAN, Kenneth. O processo da leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E.; PALÁCIO, M. *Os processos de leitura e escrita – novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- HENRIQUES, Joana. *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2017.
- KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- MRE – Ministério das Relações Exteriores. *Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português*. Brasília: FUNAG, 2021. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1143-1>. Acesso em: 31. jul. 2021.
- VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZÉTOLA, Bruno. *Diretrizes para a Difusão da Língua Portuguesa pelo Brasil no Exterior*. *Cadernos de Política Exterior*, IPRI, Brasília, DF: FUNAG, v. 5, n. 8, p. 19-48, ago. 2019. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc_pdf/1013/1/cadernos_de_politica_exterior_-_ano_5_.numero_8_.primeiro_semestre_de_2019. Acesso em: 31 jul. 2021.

SOBRE OS AUTORES

Francis Márcio Alves Manzoni é editor nas Edições Sesc e coordenador da Comissão para Promoção de Conteúdo em Língua Portuguesa na Câmara Brasileira do Livro. Historiador pela Unesp e Doutor em História pela PUC-SP, publicou em 2019 o livro *Mercados e feiras-livres em São Paulo* (Edições Sesc). *E-mail*: francis.manzoni@sescsp.org.br.

João Hilton Sayeg-Siqueira. Professor titular do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) . Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: teorias sociais de linguagem, discurso, texto, leitura, redação, ensino da língua portuguesa. Líder do grupo de pesquisa, certificado pelo CNPq: Leitura, ensino e discurso (LED).

E-mail: jhsiqueira@pucsp.br.

Recebido em 13 de agosto de 2021 e aprovado em 08 de dezembro de 2021.